



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1346

## **ETNICIDADE E O ENCONTRO COM O OUTRO: VIVÊNCIAS DE MIGRANTES NORDESTINOS EM COXIM MTMS (1958-1996)**

Eliene Dias de Oliveira  
(UFMS)

**Resumo:** A presente comunicação pretende abordar múltiplas possibilidades de interpretações das vivências migrantes no território que os acolheu, percebendo o papel protagonístico de migrantes nordestinos que se estabeleceram no município de Coxim (no antigo estado de MT, hoje território do MS). E, a partir da análise de suas experiências e memórias, evidenciar seu sentimento de sujeitos desse processo. Serão analisadas suas vivências, nem sempre harmoniosas, em território coxinense em relação à convivência com outros grupos, a hospitalidade em terras estranhas e os seus olhares acerca do que significou/significa viver Coxim cotianamente no ontem e no hoje. Cotidiano esse marcado pelo encontro com outros grupos étnicos que, em Coxim, se fazem representar de forma mais acentuada pelo grupo de migrantes gaúchos que, principalmente a partir da década de 70 do século XX, a partir de um contexto de crise agrária na região Sul do país e de incentivos governamentais, migraram para a região Centro Oeste do Brasil, chegando a diversas cidades do Antigo Mato Grosso, entre elas Coxim. Na identificação étnica explicitada o gaúcho é o especializado na agricultura, com formação e capital para desenvolvimento da produção agrícola. O nordestino é o retirante, sem formação escolar, sem capital, é o extrativista. Nesse olhar, a percepção do Outro se apresenta marcada pela ausência de alteridade e pela presença de homogeneização que simplifica e reduz.

**Palavras-chave:** migração; estereotipia; etnicidade

Financiamento: CAPES – Programa de desenvolvimento de Doutorado no Exterior

### **Apresentação**

Quando o primeiro olhar não abre espaço para a alteridade e é marcado pela presença da hostilidade em relação ao estranho, ao desconhecido, ao estrangeiro, certamente ele assume conotação extremamente negativa, principalmente para quem lhe é destinado. Esse olhar inicial precede o esforço

em conhecer o Outro, “quase sempre falando mais de quem o emite do que daquele contra o qual é assacado[...]” (ALBUQUERQUE JR., 2007-11). O desdobramento desse olhar será lido nesta abordagem a partir do preconceito quanto à origem geográfica perceptível nos relatos dos migrantes nordestinos, o preconceito de lugar. Em outros momentos, o preconceito contra um grupo social pode ser lido como uma estereotipia. Discurso esse “assertivo, imperativo, repetitivo, caricatural” (ALBUQUERQUE JR., 2007-13) a definir o que seria a essência do ser nordestino.

Homi Bhabha, ao problematizar o discurso colonial, aponta que o estereótipo “[...] é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido” (1998-105). Logo, é a força dessa ambivalência que dá ao estereótipo seu efeito verossímil.

Ainda analisando o discurso colonial, Bhabha sugere a compreensão dos processos de subjetivação a partir da estereotipia. Corroborando essa perspectiva, nesse olhar o nordestino não apenas “nordestiniza-se”, mas é “nordestinado” (RAGO-2011). Nesse sentido, imagens, como a do flagelado fugindo da seca; do machão armado de peixeira; da mulher-macho; e do matuto engraçado e pouco afeito ao trabalho, compõem o repertório de imagens a dizerem desse nordestino, a visibilizarem esse nordestino.

Numa situação de migração, o preconceito e o estereótipo assumem uma dimensão singularizada, visto que o ato de “Viver em outro lugar, reestruturar relações humanas, espaciais e temporais é tarefa complexa. A convivência do migrante com os “da terra” é exercida em via de mão dupla, na qual o movimento de desenraizar e enraizar é constante, variando de acordo com muitas situações específicas (SOUZA, 2006-01). Tratando-se de uma relação dialógica, de *mão dupla*, envolve sujeitos com trajetórias distintas que vivenciarão situações de encontro e desencontros, a partir de suas diferenças e de uma vivência agora comum.

## **Gaúchos e Nordestinos em Coxim MT/MS: o encontro com outro**

A vivência entre grupos diferentes pode ser marcada por aproximações e distanciamentos e passarão a compor os processos de “invenção do cotidiano” dos sujeitos migrantes. Cotidiano esse marcado pelo encontro com outros grupos étnicos que, em Coxim, se fazem representar de forma mais acentuada pelo grupo de migrantes gaúchos que, principalmente a partir da década de 70 do século XX, a partir de um contexto de crise agrária na região Sul do país e de incentivos governamentais, migraram para a região Centro Oeste do Brasil, chegando a diversas cidades do Antigo Mato Grosso, entre elas Coxim.

Nascimento (2013) ao analisar o tema *Migrações e Identidades Gaúchas* em Coxim no período compreendido entre 1970 e 2012 evidenciou o que ele chama de identidades etno-regionais a partir do fortalecimento dos laços com a terra de origem, mesmo estando fora dela. Em sua análise,

O gaúcho carrega consigo o estereótipo, o mito do “imigrante” europeu que é a dominação e propagação de inovações em novos espaços. Mas Haesbaert (1998) faz uma ressalva, de que esse movimento migratório ou *diáspora gaúcha* não é simplesmente uma grande “rede do capital” em escalas regionais, nacional e global, que podem explicar a ordenação da sociedade e do território no qual os migrantes reproduzem suas representações sociais, culturais, políticas e econômicas, mas é uma rede etnorregional. (2013-75)

Nessa perspectiva, o migrante gaúcho se investe do mito do migrante ideal, descendente de europeus e com raízes arraigadas na agricultura. Sua superioridade se revela numa prática de ascese do trabalho e por elementos externos como a origem étnica e geográfica. Corroborando a ideia de que a identidade e a diferença é um par que deve ser entendido em diálogo, as identidades gaúchas se reforçam por uma prática discursiva de exclusão e inferiorização do Outro que, em Coxim, é representada pelos nordestinos.

Nascimento enfatiza esse confronto a partir de uma relação entre um maior grupo de migrantes nordestinos que teriam chegado à região em meados de 1950 e outro grupo um pouco menor de migrantes da região Sul do país, os nominados gaúchos, que chegam à região a partir de 1970. “O elemento nordestino aparece carregado de estereótipos e estigmatizado, em oposição à “superioridade” dos forasteiros gaúchos”. (2013-78)

Utilizando as categorias *estabelecidos* e *outsiders* propostas por Norbert Elias, Nascimento entende que os gaúchos, mesmo em menor número e vindo mais tardiamente que o grupo de nordestinos, figuram como os estabelecidos de Coxim. Assim, para além do critério da maior temporalidade dos nordestinos na região,

O que deve ficar claro é que o migrante gaúcho se tornou “estabelecido” por meio de sua coesão grupal e de sua superioridade econômica. Sobrepôs-se aos demais segmentos da sociedade coxinense, mesmo sendo minoria numericamente. As suas tradições são mais visíveis e a construção local da identidade gaúcha foi realizada a partir do momento em que é configurado um ponto de encontro para o cultivo e invenção dos hábitos e tradições em comum, o CTG Sentinela do Pantanal. (2013-81)

O Centro de Tradições Gaúchas Sentinela do Pantanal é, nesse contexto, percebido como o elo que sustenta a rede etno-regional gaúcha na cidade. O elemento nordestino seria, portanto, o outsider, o Outro do gaúcho, como evidenciam os excertos das narrativas reproduzidas por Nascimento e realizadas com migrantes da região sul do país, agricultores que chegaram a Coxim em meados da década de 70.

Os gaúchos que vieram para cá vieram com capital, são especializados na agricultura, pois na minha geração tem 66 netos só 2 não são formados, com nível superior, eu sou agrônomo, meu irmão, [...] é agrônomo, tem outros que são também, outros são veterinários, médicos, dentistas, etc. já os nordestinos são retirantes, não tinham capital, são a maioria analfabeto ou semi-analfabetos

[sic], vivem da exploração da terra, pois enquanto a terra tá dando alguma coisa estão lá, como retirada da madeira, são extrativistas (K., 2009; NASCIMENTO, 2013-78)

Na identificação étnica explicitada o gaúcho é o especializado na agricultura, com formação acadêmica e capital para desenvolvimento da produção agrícola. O nordestino é o retirante, sem formação escolar, sem capital, é o extrativista. Nesse olhar, a percepção do Outro se apresenta marcada pela ausência de alteridade e pela presença de homogeneização que simplifica e reduz.

Essas colônias aí, Paredes, São Romão, Cearense, Planalto eram de nordestinos e quando elas param de dar alguma coisa eles vieram todos para a cidade e aí surgiu o Grilo. Em 1981 fiz muitos ProAgro [seguro agrícola], pois nessas colônias tinham plantações de algodão, o algodão só em falar em frio ele já cai. Mas os gaúchos têm mais tradição agrícola e modernizou a agricultura e os nordestinos não; então essas colônias voltaram a ser fazendas novamente. (K., 2009; NASCIMENTO, 2013-79)

A percepção do nordestino como extrativista complementa-se com a narração da fuga para os bairros pobres da cidade, quando a terra não mais produz. Embora o solo das antigas colônias agrícolas de Coxim apresente condições difíceis de cultura, a tradição gaúcha, aliada a uma propensão quase “natural” para as inovações tecnológicas, viabiliza o empreendimento rural. Nesse sentido, no relato construído acerca de si e do Outro, estaria comprovada a falta de aptidão do nordestino como agricultor e sua destinação a extrair tudo o que fosse possível da terra, sem grandes esforços de construir algo. O gaúcho é o elemento diferenciador, aquele que melhor representaria os ideais de trabalho sério e empreendedorismo:

[...] não se pode é deixar de frisar é que com a chegada do gaúcho a evolução foi grande, o gaúcho veio aqui, o

gaúcho começou a abrir fronteira, abrir áreas [...] o pessoal ficava muito de olho, até muita gente fala assim: esses gaúchos querem ser os tais. É que na verdade o povo, o povo daqui de Coxim tem muita mistura, é nordestino, é baiano, é paranaense e eles quando viram os gaúchos chegarem aqui, [...] e sai às 04 horas da manhã para ir à fazenda e voltar para trabalhar às 08 horas, isso aí era inadmissível os caras fazerem isso, os caras são loucos, então sempre nossa meta foi vê o dia de amanhã, e depois enxergar mais longe [...] (C., 2009; NASCIMENTO, 2013-74)

Embora Nascimento enfatize que a denominação “gaúchos” possui uma acepção social que compreende os habitantes do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, nesse excerto o narrador distingue o gaúcho como o autêntico filho do primeiro estado. Nesse olhar, justamente a “mistura”, o imbricamento de outros grupos étnicos, é que simbolizaria os aspectos negativos da população coxinense. O gaúcho, ao contrário dos nordestinos, baianos e outros grupos, é aquele que vê mais longe, que projeta um amanhã.

Para Nascimento essas narrativas podem ser interpretadas a partir do:

[...]tom de superioridade na fala dos entrevistados em relação ao migrante nordestino. Os atributos que os distinguem positivamente em suas autorrepresentações aparecem invariavelmente: poder econômico; formação acadêmica; origem sulina; e se acrescentaria também, a disponibilidade para o trabalho e acumulação de capital. (2013-79)

É importante observar que o caráter tenso evidenciado em Coxim entre os grupos de migrantes gaúchos e nordestinos tem sido percebido e analisado em outras territorialidades como no Assentamento Indaiá, no Sul de Mato Grosso do Sul (COSTA, 1994) e no Oeste Baiano (HAESBAERT, 1994). Por vezes os dois grupos configuram-se como migrantes, em outras circunstâncias apenas um dos grupos o é. No entanto, em ambas as situações as diferenças étnicas são ressignificadas no encontro e no trato com o Outro. Tais confrontos

configuram uma clivagem étnica entre “os sulistas, cuja origem dos seus ascendentes não está circunscrita à origem nacional – alemães, italianos, polacos -, e os nordestinos de origens circunscritas ao mundo rural brasileiro”. (COSTA, 1994-11)

Nessa clivagem, os sulistas reportam sua identidade étnica e social à sua descendência européia e ao melhor preparo para lidar com a terra. Já em relação aos migrantes nordestinos não se percebe de forma nítida uma identificação étnica, evidenciando-se uma construção identitária legitimada pelo mundo do trabalho, principalmente no trato com a terra e intimidade com o mundo rural. Nesse sentido:

[...] o passado pioneiro dos imigrantes europeus é ainda utilizado como parâmetro para a construção de uma identidade idealizada, de um conceito de lavrador que leva em conta, sobretudo, o caráter étnico. Parte do pressuposto de que a dedicação e o amor ao trabalho, a eficiência, a habilidade, enfim, todos aqueles traços que os tornam diferentes e melhores que os nordestinos decorrem da sua condição de descendentes de povos europeus. [...] (COSTA, 1994-12)

Para Haesbaert (1994) as tensões entre o grupo de baianos e gaúchos na região da Chapada Diamantina e sul do Piauí transvestem-se em “duas balizas no *continuum* entre as influências africana e européia na cultura brasileira” (1994-13). Nessa interpretação retoma o clássico da sociologia escrita por Oliveira Viana, *Populações Meridionais do Brasil* (1974) que já nuançava o conflito identitário e os estereótipos acerca de sulistas e nordestinos. Enquanto o Nordeste é retratado pelas alcunhas de solitário, rude e revoltoso, o gaúcho se erigiu a partir da vocação de mando sobre outrem, o que configura a sua capacidade de criar verdadeiros “territórios gaúchos” nos espaços para onde migra.

A evidência de relações complexas, marcadas por comportamentos étnicos que se inventam nas recusas, tensões e enfrentamentos; nos

distanciamentos, assim como também nas negociações e no aproximar-se do Outro, corroboram a perspectiva de que, se em outros momentos históricos as formas identitárias forjadas a partir de um território de origem foram percebidas como questões menores pelos cientistas sociais, atualmente:

[...] a presença da “territorialidade” na vida dos grupos sociais, numa espécie de movimento reterritorializador que tenta fazer gente à brutal desterritorialização (tecnológica e capitalista) que domina, revive um paradoxo: a intensificação dos movimentos regional-nacionalistas, tantas vezes neo-conservadores, segregadores e reacionários, e o salutar “elogio da diferença”, a defesa de uma “etno-diversidade” de culturas em sério perigo de extinção. (Haesbaert, 1994-16)

A existência de espaços como o Centro de Tradições Gaúchas Sentinela do Pantanal e do Centro de Tradições Nordestinas Padre Cícero em Coxim indicam esse duplo paradoxo de espaços de reafirmação étnica e de defesa do direito à existência cultural em outros espaços. O dilema ora vivido pela diretoria do CTN entre fechar-se entre o seu grupo de origem ou manter-se em permanente contato com os “da terra” e demais grupos que vivem em Coxim denota esse processo de enfrentamento constante no renegociar das identidades.

### **Considerações Gerais**

Na busca por compreensão do que é ser migrante nordestino em Coxim, num primeiro momento os conceitos de preconceito e estereotipia são salutares na análise das relações étnicas entre nordestinos e gaúchos e das representações identitárias dos grupos sociais acerca de si e de outros. Ademais, são caminhos de abordagem que proporcionam a análise de vivências, nem sempre harmoniosas, entre o grupo de migrantes nordestinos que chegam a Coxim e aqueles com quem irão a partir de então estabelecer uma sociabilidade, sejam outros grupos migrantes ou os “da terra”.

Nesse processo dialógico e, em muitas situações, tenso, o nordestino não pode ser lido apenas como a vítima fragilizada pela situação de pobreza, migração ou por sua origem. É ele sujeito que constrói suas vivências e relações em diálogo com os estereótipos e preconceitos que lhe são direcionados, ao mesmo tempo em que constrói o seu olhar acerca do Outro a partir de representações que, em algumas situações, podem reportar também, a essas categorias.

### **Referências bibliográficas**

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.

BHABHA, Homi K.. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

COSTA, Cléria Botêlho da. Eu e as fronteiras do Outro. *Travessia*. Ano VII, número 19, maio-agosto/1994, p. 10-12.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

HAESBAERT, Rogério. Ser gaúcho no Nordeste. *Travessia*. Ano VII, número 19, maio-agosto/1994, p. 13-16.

NASCIMENTO, Cacildo Alves. **As migrações e a constituição das identidades gaúchas**. Coxim (1970-2012). 2013.116f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UFMT, Cuiabá/MT.

RAGO, Margareth. Prefácio: sonhos de Brasil. In: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 1999.

SOUZA, Carla Monteiro de Souza (2006). Gaúchos em Roraima: memória, regionalismo e identidade. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXXII, n. 1, p. 199-207.